

Roteiro da Chacina: Que turismo é esse?
Reflexões em torno de um projeto turístico polêmico¹

Palloma Valle Menezes*
Andreia Pereira de Macedo**
Felipe Gonçalves Felix***

Resumo

Neste artigo, analisaremos o projeto turístico do “Roteiro da Chacina”, apresentado pela Prefeitura de Nova Iguaçu em 2008, três anos após o acontecimento de uma chacina onde 29 moradores da Baixada Fluminense/RJ foram assassinados. Temos o objetivo de refletir sobre as discussões que aconteceram a respeito deste polêmico projeto durante o *Fórum Mundial de Educação*. Buscaremos, ao longo do trabalho, inserir o roteiro no contexto local de “estigmatização da Baixada” como território da violência e no contexto global de expansão dos chamados “reality tours”. Trataremos ainda da primeira experiência deste tipo de turismo ocorrida no *Fórum* e das perspectivas de sua implementação no município de Nova Iguaçu. O estudo apóia-se nos pressupostos da pesquisa participante, que inclui trabalho de campo com levantamentos de informações e entrevistas com agentes públicos idealizadores do projeto.

Palavras-chave: política pública; violência; *reality tour*.

1. Introdução

Em março de 2008, três anos após o acontecimento de uma chacina que resultou na morte de 29 pessoas nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados, região da Baixada Fluminense, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SEMCTUR) de Nova Iguaçu organizou, durante o *Fórum Mundial de Educação*, uma mesa de discussão denominada “Roteiro da Chacina: Que turismo é esse?”. A proposta incluía a idéia de levar os participantes do Fórum para conhecerem um dos locais da tragédia, no bairro Cerâmica, onde seriam realizadas apresentações de grupos de dança, de música e de poesia, além de ser oferecido aos visitantes um jantar – patrocinado pela Prefeitura – preparado pelos moradores do bairro. De acordo com os idealizadores da proposta, o objetivo era mostrar que a Chacina da Baixada não foi, tampouco deverá ser, esquecida, mas que, ao

¹ Trabalho apresentado ao GT 09 “Turismo e Construções Simbólicas” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 26 e 27 de junho de 2008.

* Mestranda em Sociologia pelo IUPERJ. Sua dissertação aborda as tentativas de implementação do turismo no Morro da Providência onde um Museu foi inaugurado pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2005. Trabalha nas pesquisas “Touring Poverty in Buenos Aires, Johannesburg and Rio de Janeiro” (financiado pela Foundation for Urban and Regional Studies --FURS) e “A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico” (financiado pelo CNPq) coordenados por Bianca Freire-Medeiros (CPDOC/FGV). E-mail: pallomamenezes@hotmail.com

** Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Professora Assistente do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, responsável pelas disciplinas de Política Pública de Turismo e Planejamento Urbano do Curso de Graduação em Turismo. Em sua agenda de pesquisa estão presentes os temas de Segregação sócio-espacial, Produção do Espaço Urbano e Periferia. E-mail: demacedoa@ufrj.br

*** Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Presidente do Diretório Acadêmico de Turismo da Universidade Rural. E-mail: felipefelix@oi.com.br

mesmo tempo, é preciso que o Poder Público promova ações que tentem “quebrar o estigma negativo de que na Baixada só há violência”.

Pretendemos neste trabalho analisar o polêmico projeto turístico do “Roteiro da Chacina”. O estudo apóia-se nos pressupostos da pesquisa participante, que inclui trabalho de campo com levantamentos de informações e entrevistas com agentes públicos idealizadores do projeto, assim como a participação nos debates sobre a proposta. Nosso objetivo aqui não é apresentar uma pesquisa exaustiva sobre o tema, mas levantar uma primeira reflexão² sobre as discussões que aconteceram sobre este tipo de turismo em Nova Iguaçu³ durante o *Fórum Mundial de Educação 2008*⁴.

Portanto, neste artigo, apresentaremos, primeiramente um breve histórico da cidade de Nova Iguaçu. Em seguida, trataremos da dinâmica sócio-espacial existente no município, para então falarmos do estigma relacionado à Baixada, à Chacina e de sua repercussão na mídia. Posteriormente, apresentaremos as discussões sobre o Roteiro da Chacina que aconteceram durante o FME. E, por fim, descreveremos a primeira experiência de implementação do Roteiro, que aconteceu durante o Fórum, e das perspectivas futuras de viabilização deste tipo de turismo no município de Nova Iguaçu.

2. A localização de Nova Iguaçu e sua dinâmica sócio-espacial

Localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a cidade de Nova Iguaçu foi fundada em 1833 às margens do rio que lhe conferiu nome. Atualmente, a cidade integra, junto com outras 12 cidades, a região denominada Baixada Fluminense⁵. Com uma população estimada em 829.999 habitantes, o município ocupa uma área de 520,5km² (CIDE, 2005) e revela-se como o primeiro em extensão territorial, o segundo mais populoso e o segundo maior PIB da Baixada, de R\$ 3.707.797 (CIDE, 2003).

Para Oliveira (2005), a complexidade no entendimento de Nova Iguaçu se dá

² Pretendemos dar continuidade a pesquisa, realizando entrevistas com moradores da localidade e acompanhando as discussões sobre uma possível viabilização do projeto na cidade.

³ Andreia Macedo e Palloma Menezes participaram da mesa de debate “Roteiro da Chacina: Que turismo é esse?” no FME. Felipe Gonçalves Felix participou da organização do evento e das discussões sobre o projeto. Gostaríamos de agradecer aos funcionários da SEMCTUR de Nova Iguaçu pelo convite para participar desta discussão. Agradecemos ainda aos organizadores e voluntários do evento por terem se disponibilizado a conversar conosco sobre o projeto quando lhes comunicamos do artigo em questão.

⁴ O Fórum Mundial de Educação foi realizado de 27 a 30 de março de 2008, sediado no município de Nova Iguaçu. Com o tema “Educação Cidadã para uma Cidade Educadora”, teve como objetivo principal o debate para uma educação de qualidade como direito universal.

⁵ A configuração mais ampla da Baixada Fluminense abrange os municípios de Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Belford Roxo, São João do Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim - que, juntamente com as cidades do Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo, formam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro ou o Grande Rio.

pelas várias mudanças de ordem econômica, política e social, sofridas nos diferentes períodos de sua história: da “imponência” de “Iguassú” – com seis Freguesias que juntas chegavam a ultrapassar a capital do estado em extensão territorial – a fragmentação em oito novos municípios, além de “eldorado” dos laranjais fluminense, na primeira metade do século XX, a “cidade-dormitório” nas décadas de 70, 80 e 90.

A atual dinâmica urbana e a divisão social do espaço da Baixada Fluminense indicam um aumento na diferenciação das condições habitacionais e urbanas, configurando uma estrutura sócio-espacial diversificada. No entanto, essa região ainda é percebida e caracterizada como o lugar do trabalhador pobre, da ausência ou precariedade de infra-estrutura, serviços e equipamentos urbanos e coletivos, das irregularidades dos loteamentos e da autoconstrução da moradia construída a longo prazo. Esses elementos caracterizam o chamado *padrão periférico de ocupação*⁶.

A região também é conhecida pelos elevados índices de homicídios, o que reforça a sua vinculação com a violência, disseminada através dos meios de comunicação. A estrutura sócio-espacial da metrópole do Rio de Janeiro ainda é bastante tradicional, podendo ser caracterizada pela explicação núcleo-periferia. Sobre essa estrutura Ribeiro (2001) destaca:

O núcleo é formado pelas zonas litorâneas do Município do Rio de Janeiro e de Niterói, onde estão concentrados os segmentos superiores da estrutura social, em razão da concentração nestas áreas de equipamentos e serviços urbanos em quantidade e qualidade, fato do qual é possível desfrutar de qualidade de vida bem superior ao verificado no restante da metrópole. A partir deste centro, forma-se um gradiente de distâncias sociais até as periferias da Cidade do Rio de Janeiro e da metrópole fluminense (RIBEIRO, 2001, p. 945-946).

No entanto, segundo o próprio autor, umas das situações que contrariam essa explicação binária é a presença de segmentos médios da estrutura social na Zona Oeste da Cidade e em alguns municípios da região da Baixada Fluminense, áreas da periferia metropolitana ou “inferiores” da metrópole fluminense. Esta situação indica tendências de diversificação social dessas áreas, o que leva a uma diminuição das distâncias que as separam do conjunto metropolitano.

De fato, o município de Nova Iguaçu tornou-se uma opção de investimento para

⁶ O processo de ocupação da Baixada Fluminense desenvolveu-se principalmente sob a forma de loteamentos populares acompanhados da autoconstrução da moradia, sendo que a maioria dos lotes não possuía qualquer infra-estrutura e as habitações não passavam pela aprovação da Prefeitura e do mercado imobiliário formal. Para maior entendimento do processo de padrão periférico de ocupação, ver Maricato (1982), Bolaffi (1982) e Kowarick (1983).

os incorporadores imobiliários⁷ e de moradia para uma parcela da população, tendo como consequência a “elitização” de partes da cidade. O diagnóstico ambiental apresentado em 2006, pela Prefeitura Municipal, aponta essa diversificação sócio-espacial, contrariando a percepção da cidade como um espaço homogêneo:

O território de Nova Iguaçu, por seu processo histórico de urbanização, apresenta uma ocupação desordenada e contrastante: de um lado, o centro e os sub-centros de comércio e serviços com equipamentos e bons níveis de urbanização; e, de outro, uma periferia com a presença de loteamentos precários, implantados de forma fragmentada, onde as moradias são unifamiliares, construídas geralmente por processo auto construtivo e situadas, em grande parte, em lotes desprovidos de equipamentos e de infra-estrutura básica. Intermediariamente existe uma faixa "suburbana" mais densa composta por vilas planejadas ou por justaposições sucessivas, de uso misto, predominantemente residencial. Já a parte residencial do Centro é ocupada cada vez mais por prédios, mantendo ativa há décadas uma indústria imobiliária próspera que produz apartamentos para a classe média e alta, quase que totalmente à margem dos financiamentos bancários (RAA, 2006).

As áreas valorizadas e infra-estruturadas da cidade afirmam-se como área de expansão da produção imobiliária, apresentando mudanças em sua configuração sócio-espacial. Na realidade, a cidade transformou-se em um espaço de atuação do capital por incorporação, permanecendo, entretanto, como uma alternativa de moradia para a população de baixa renda. Trata-se, portanto, de uma estrutura sócio-espacial marcada pelo aumento da diversidade, tornando-se bastante complexa nos dias atuais, contrariando a naturalização da região como o lugar da pobreza e da precariedade.

3. A Baixada como o lugar da violência

A questão da insegurança é uma preocupação freqüente dos moradores das grandes cidades. O medo da criminalidade produz relações concretas e serve para criar mecanismos de controle social. Todavia, as pessoas têm medo por algo real e imaginário. Dessa forma, o estímulo ao medo potencializa a noção do perigo e conseqüentemente os mecanismos de controle desse perigo. De fato, a proliferação de condomínios fechados (CALDEIRA, 2003), a vigilância de casas e de ruas constituem-se em mecanismos de controle social que resultam da convivência espacial dos diferentes segmentos da estrutura social aliada ao medo da criminalidade na cidade.

Vera Malaguti (2003), em seu estudo sobre o medo na Cidade do Rio de Janeiro, afirma que existe uma intencionalidade na difusão do medo coletivo, sendo este uma

⁷ As formas de produção imobiliária são de fundamental importância para a análise das mudanças sócio-espaciais, já que a produção e a estruturação do espaço resultam, essencialmente, das ações dos agentes da produção imobiliária. No caso de municípios da Baixada Fluminense, especificamente em Nova Iguaçu, é possível supor uma maior diversificação sócio-espacial com o aumento dos espaços voltados para segmentos sociais de renda alta e média.

ação programada para manter o sistema de apartação social que marca a realidade da metrópole fluminense. Assim, a questão da insegurança não seria uma disfunção, mas funcional ao sistema de apartação social, uma vez que, no nível das representações sociais, a violência está associada aos espaços segregados e populares. Ademais, a autora evidencia que o poder público sempre instrumentalizou o discurso do medo. Um exemplo disso são as políticas urbanas e de segurança da cidade do Rio de Janeiro que são programadas para manter o controle social.

As representações negativas que associam a Baixada Fluminense à violência e à exclusão desqualificam os moradores da região. Como mencionado anteriormente, os loteamentos populares determinam um padrão de ocupação marcado pelas condições precárias de infra-estruturas urbanas e pela presença das camadas populares. Somam-se a esse padrão de ocupação um violento processo de disputas de terra e uma política de extermínio. Assim, a Baixada é representada como um exemplo de um cotidiano de privação e violência, imagens que podem gerar situações de marginalidade e discriminação dos moradores da localidade.

Neste sentido, a proposta de um roteiro turístico da chacina deve compreender essas representações sociais históricas sobre a região, já que nelas estão presentes as construções que podem ser a origem ou o ensejo da violência. É inegável que a questão da violência é um dos maiores desafios colocados a qualquer experiência de turismo na Baixada Fluminense. No entanto, não se trata de uma ameaça aos visitantes, mas aos próprios moradores da região.

Alves (1999), em sua tese sobre a história da violência na Baixada Fluminense, afirma que a subjetividade que se forma nessa região é a da exclusão e da violência, sendo o extermínio um mecanismo de dominação, em especial contra as populações de baixa renda, para a manutenção da estrutura do poder local. O autor evidencia a relação do aparato policial com as execuções de habitantes das áreas periféricas da região, independente de seu envolvimento ou não com o crime. Isso justifica, em grande medida, os altos índices de homicídios na região e poucos exemplos de política de redução dos mesmos.

Em que medida o discurso da insegurança nutre essa política do extermínio na Baixada Fluminense? Partimos do pressuposto de que as construções sobre a violência produzem interpretações que a legitima, sobretudo as das mídias de largo alcance, que têm um importante papel na formulação das identidades locais. Pois bem, é no discurso

da insegurança, trabalhado por Vera Malaguti, que se pode destacar a dinâmica e a consolidação dos grupos de extermínio na região. Quando o medo da criminalidade se generaliza, parte da população lança mão de mecanismos privados de segurança que fornecem justiça rápida e proteção. Dessa forma, a violência adquire, em alguns momentos e situações, legitimidade social como, por exemplo, os abusos cometidos por policiais que oferecem proteção aos comerciantes locais (Barreto, 2004), assim como justiça rápida aos moradores de bairros de classe média.

4. A Chacina da Baixada

No dia 31 de março de 2005 ocorreu a maior chacina na Baixada Fluminense, nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados. Praticada por membros da polícia militar, resultou na morte de vinte e nove pessoas, a maior parte delas jovens e adolescentes. Embora a violência na Baixada adquira, em alguns momentos e situações, legitimidade por parte da população local, a “Chacina da Baixada” causou grande comoção social, devido ao fato das vítimas terem sido escolhidas aleatoriamente e não terem ligação com o crime. Segue um trecho da “Carta de Nova Iguaçu”, declaração final do Fórum Mundial de Educação 2006:

No dia 31 de março de 2005, de forma brutal, 29 jovens foram assassinados nas cidades de Nova Iguaçu e Queimados. Todos eles eram pobres, todos inocentes, todos eles sonhavam com um futuro de oportunidades, de dignidade, de direitos. Seus sonhos, suas vidas foram destruídas em um dos maiores massacres da baixada fluminense. Nada explica a morte e o assassinato. Nada pode explicar a barbárie de grupos de extermínio que atuam de forma impune em nossas cidades marcadas pela violência, a exclusão, a segregação e a indiferença assassina dos grupos de poder (...) Há um ano, Nova Iguaçu era cenário de uma nova chacina. Hoje, nos reunimos aqui para chorar a perda irreparável dessas vidas inocentes. Porém, também, para mostrar que aqui, na Baixada Fluminense, o povo, como sempre, diz sim à vida, ao trabalho, ao compromisso com a justiça e com a liberdade, com a justiça e com a verdade. O **Fórum Mundial de Educação Nova Iguaçu** é e será um canto à dignidade, um grito de esperança. Há um ano, Douglas Brasil de Paula, um menino de 12 anos perdia vida sem saber por que. Era uma das 29 vítimas do massacre. Em seu sorriso roubado se espelha o desafio desse Fórum. O desafio de construir um mundo onde os direitos humanos sejam patrimônio de todos e todas. Onde os sonhos de igualdade e justiça social sejam o mapa de um território que devemos construir e percorrer juntos. A ele e a todos os meninos e meninas privados do presente e do futuro, dedicamos esse Fórum. Nova Iguaçu, 26 de março de 2006. (<http://lpp-uerj.net/olped/documentos/1626.pdf>)

A “Chacina da Baixada” foi um dos motivos para a escolha de Nova Iguaçu como sede do Fórum Mundial de Educação 2006. Também repercutiu na criação do Fórum Reage Baixada, que envolve mais de 50 entidades, e na criação do Observatório de Violência pela Prefeitura, cujo objetivo é levantar dados sobre a violência no Município. Resultou ademais na produção do documentário “Até Quando” pelo

Observatório de Favelas e na criação do Núcleo de Amigos e Familiares de Vítimas de Violência (AFAVIV).

5. O Roteiro da Chacina : uma proposta polêmica para o turismo de Nova Iguaçu

No dia 13 de fevereiro de 2008, durante a reunião da Comissão de Cultura e Turismo do Fórum Mundial de Turismo Baixada Fluminense, sediado pela cidade de Nova Iguaçu, dividiram-se os “grupos de trabalho” - GT’s- para discutir as propostas específicas de cada área temática envolvida direta ou indiretamente com o evento. Dentre esses grupos organizados, pela primeira vez na história do FME, o turismo teve um GT exclusivo para pensar em projetos e ações da área, dentro da programação do Fórum.

No mesmo dia, representantes da SEMCTUR de Nova Iguaçu, atores locais ligados a projetos ambientais na cidade, alunos de cursos superiores de Turismo da Universidade Estácio de Sá e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro debateram sobre as prioridades para os roteiros turísticos de Nova Iguaçu. Ao final da reunião, estabeleceu-se quatro segmentos de turismo a serem trabalhados pelo GT como histórico, cultural, ecológico e educacional⁸, a fim de formatar roteiros para serem comercializados durante o fórum.

Para o segmento cultural, foram elaboradas duas propostas de roteiros: a primeira sugeriu a visita a uma casa de culto afro-religioso no bairro de Cabuçu, e a segunda, objeto do nosso estudo, a visita a um dos locais onde ocorreu a Chacina da Baixada, o bairro da Cerâmica, com a finalidade de mostrar as transformações sócio-culturais do local. Vale ressaltar que os roteiros foram propostos e coordenados por representantes da SEMCTUR, membros do GT.

Em função da resistência de alguns membros com relação à realização do “Roteiro da Chacina”, a proposta foi colocada em votação, sendo aprovada pela maioria. Vale dizer que essa proposta também foi criticada e refutada por vários membros da Comissão de Cultura e Turismo do FME 2008, o que causou uma discussão calorosa em que se levantaram questionamentos e espantos como: “Turismo

⁸ Para o segmento ecológico, houve a proposta de dois roteiros: um de visita ao Parque Municipal - coordenado por membros do GT ligados a projetos ambientais na cidade - e outro de Educação Ambiental na Reserva Biológica do Tinguá – coordenado por alunos de turismo da UNESA. Com relação ao segmento educacional, houve consenso em levar os participantes do FME para conhecer as escolas municipais que adotaram o programa da Prefeitura de Nova Iguaçu conhecido como “Bairro-Escola” – coordenado por membros do GT ligados a SEMCTUR. No segmento histórico, elegeu-se a visita às ruínas da “Iguaçu Velha”- sob a responsabilidade dos alunos de turismo da UFRuralRJ.

de chacina?, Que isso!”, “Como vamos apresentar às pessoas que vêm de fora uma tragédia dessas?”, “Será que as autoridades vão concordar com a idéia?”.

Por outro lado, aqueles que defendiam o projeto diziam que poderia ser acrescido ao título “Roteiro da Chacina” o subtítulo “transformações sócio-culturais na região”, já que isso seria uma oportunidade de mostrar e gerar entre os visitantes uma espécie de “ativismo cidadão” contra a barbárie que assolou Nova Iguaçu e Queimados em 2005, evitando, assim, o seu esquecimento. Quanto ao planejamento do roteiro, utilizou-se experiências já existentes como a do “Ground Zero” nos Estados Unidos e o “Turismo nas Favelas” na cidade do Rio de Janeiro. Assim, os participantes da Comissão de Cultura e Turismo do FME 2008 aprovaram a proposta do GT de Turismo.

Outro espaço de discussão sobre o “Roteiro da Chacina”, também proposto pela SEMCTUR para compor a programação do FME, foi a mesa de debate como atividade auto-gestionada sob o título “Roteiro da Chacina, que turismo é esse?”⁹. De um modo geral, a discussão ocorreu em tom moderado, porém, ao final, diversas perguntas dirigidas à mesa, feitas pelos participantes do FME, sugeriam esclarecimentos quanto à idéia do roteiro. O tempo destinado para os esclarecimentos aos questionamentos foi insuficiente, em virtude da necessidade de liberação do espaço. Apesar disso, as falas dos integrantes da mesa foram importantes no sentido de elucidar o verdadeiro “custo/benefício” deste projeto para a cidade. Assim, foram levantadas algumas questões como “até que ponto o “Roteiro da Chacina” poderia ser encarado como um produto turístico que traria benefícios para aquela *comunidade*?”, “que tipo de imagem ou de representação social do lugar se pretendia desvendar ou recriar com este roteiro, tendo em vista o discurso do medo e da insegurança e a dinâmica da violência existente na região?” e “quem operacionalizaria este roteiro e, conseqüentemente, deteria os benefícios advindos deste produto?”.

A seguir, mostraremos que a idéia do Roteiro da Chacina se insere num contexto global de mudança nos padrões de consumo, que levou o surgimento e a expansão dos chamados *Reality Tours*. Por fim, abordaremos, de modo sucinto, sobre a primeira experiência desse tipo de turismo em Nova Iguaçu.

6. O consumo pós-fordista e o chamado “novo turismo”

Muitos autores, em suas reflexões, trataram de uma mudança profunda que ocorreu nas

⁹ Integraram a referida mesa Andreia Macedo, professora do Curso de Turismo da UFRuralRJ, Palloma Menezes, pesquisadora e mestranda pelo IUPERJ e Elcio Salles, Secretário Adjunto da SEMCTUR de Nova Iguaçu.

sociedades contemporâneas: um movimento do fordismo em direção ao pós-fordismo. Esta foi uma profunda mudança nos modos típicos de produção capitalista, que gerou padrões de consumo mais individualizados e segmentados. Logo, esta transformação se reflete no caráter mutante do turismo contemporâneo.

Segundo Poon (1989), esse processo envolve a passagem de um “velho turismo”, que se baseava no empacotamento e padronização, para um “novo turismo”, segmentado, flexível e mercantilizado. O traço mais significativo do turismo pós-fordista, ou do “novo turismo” como denomina Poon, é a segmentação.

A leitura turística desse processo, na visão de Urry (1990), é a substituição de produtos turísticos maciços, dirigidos a grupos não diferenciados, por produtos específicos, que tentam satisfazer as necessidades individuais de segmentos específicos da população. Por consequência desse processo de segmentação, hoje não é possível falar do turismo no singular, mas somente em práticas de viagem que se tornam cada vez mais diversificadas.

Entre essas práticas turísticas diversificadas e segmentadas, que estão disponíveis no mercado atualmente, encontramos uma nova tendência: os chamados *reality tours*. Urry afirma que uma das marcas do “novo turismo” é o fato de que “quase todos os aspectos da vida social se tornam mercadoria”. Nesse sentido, os *reality tours* levam ao extremo essa afirmação de Urry, visto que transformam, por exemplo, desastres, atrocidades e pobreza em mercadorias como outras quaisquer. Abordarei a seguir as diversas facetas dos chamados *reality tours*.

7. Reality Tours: transformando aspectos “extremos” da vida social em mercadorias turísticas

O exemplo mais significativo de reality tour que podemos encontrar, atualmente, talvez seja o do Ground Zero. O imenso buraco deixado pelas torres gêmeas, destruídas no ataque de 11 de setembro de 2001, é um dos locais que mais atraem turistas estrangeiros ou domésticos nos Estados Unidos. “Embora não haja nada para ver, só o buraco, máquinas e trabalhadores, as pessoas vão ao marco zero em peregrinação”, afirmou Sally Forbes, um operador de turismo de Nova York¹⁰.

Freire-Medeiros (2007) explica que é “na *fixação pela autenticidade*, nos termos de Richard Sennett, e na *paixão pelo real* de que nos fala Alain Badiou, que

¹⁰ Reportagem dia 08/11/2006 intitulada: *O "tour da realidade": uma nova tendência do turismo mundial*, divulgada no site <http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/afp/2006/11/08/ult35u50176.jhtm>

modalidades turísticas como os reality tours encontram motivação e legitimidade”. Com intuito de facilitar a análise dessa nova modalidade de prática turística, a autora propõe que os reality tours sejam divididos em dois tipos: “tours sombrios” e “tours sociais”.

O primeiro tipo de Reality Tour, o “Turismo de Conscientização”, é promovido por ONGs como forma de ativismo político. Pode envolver a experiência de levar turistas para cavar um poço na fronteira entre o México e os EUA, para plantar no interior da Guatemala ou para passar uma semana nos assentamentos do MST. No site da Ong “Global Exchange”, a pioneira na organização deste tipo de tour, é dito que:

A idéia de que viagens podem ser educativas e influenciar positivamente em assuntos internacionais motivou o primeiro Reality Tour feito em 1989. Os Reality Tours (...) pretendem educar as pessoas sobre como nós, individualmente e coletivamente, contribuimos para os problemas globais (...) sugerir maneiras através das quais podemos contribuir e facilitar mudanças positivas no mundo (...) damos ao indivíduo a possibilidade compreender as questões além de o que é comunicado pelos meios de comunicação (...) Por mais de 15 anos temos promovido viagens alternativas e educativas como uma maneira de substituir sentimentos de apatia por um profundo entendimento e um senso de capacitação (www.globalexchange.org).

Além da Global Exchange, várias outras ONGs têm se envolvido em atividades turísticas nos países desenvolvidos. Segundo Freire-Medeiros (2007), elas costumam atuar “fornecendo crédito, treinando pessoal, intermediando a relação entre os que trabalham com turismo e os moradores das localidades que serão visitadas, sempre com uma orientação supostamente educacional e conscientizadora”.

O outro tipo de reality tour, classificado como “dark tourism” (Lennon 2000), envolve o crescente interesse dos turistas por lugares associados a desastres e atrocidades. Exemplos desse tipo de tour acontecem no local onde o presidente Kennedy foi assassinado, nos campos de extermínio na Polônia ou até nos campos radioativos de Chernobil.

Viagens e experiências de eventos associados com morte, dor ou sofrimento não são um fenômeno novo. Peregrinações religiosas atraíram pessoas a locais associados à morte e à violência por séculos. Alguns exemplos de experiências sombrias que mobilizaram uma grande quantidade de pessoas ao longo da história foram os jogos de gladiadores em Roma, as execuções públicas do período medieval e a câmara de exposições dos Horrores da Madame Tussaud. Como afirma Freire-Medeiros:

Viajar para lugares associados ao sofrimento nos remete às primeiras peregrinações religiosas, mas o que parece ser singular a respeito da experiência contemporânea são sua diversidade e popularidade. Cada vez mais turistas procuram experiências inusitadas, interativas, aventureiras e autênticas em

destinos cujo apelo reside na antítese daquilo que se convencionou tratar como "turístico". Comercializada como rememorativa, educacional e/ou de entretenimento, essa modalidade turística atrai pessoas ávidas por consumir mortes, desastres e misérias espetacularizadas. Para este tipo de prática, Lennon e Foley (2002) criaram o termo dark tourism (Freire-Medeiros, 2007).

Atualmente o turismo sombrio manifesta-se em vários formatos, que incluem visitas a locais onde ocorreu o Holocausto, em campos de batalhas, em locais que guardam herança do tempo da escravidão, em cemitérios, em prisões, entre outros. Recentemente este tipo de turismo, em suas várias faces, tem se tornado cada vez mais difundido e popular. Conseqüentemente, as pesquisas sobre "dark tourism" também vêm crescendo e atraindo uma atenção maior nos meios de comunicação e na comunidade acadêmica.

Desde setembro de 2005, pesquisadores de várias partes do mundo se reúnem em uma lista de discussão, organizada pela *University of Central Lancashire* que se chama "The Dark Tourism Forum". No site do fórum, é dito que:

Ainda não está muito claro se a proliferação dos tours sombrios aconteceram devido ao aumento das atrações e dos locais onde ocorrem esses passeios, ou se os consumidores estão exigindo mais e mais do macabro, se os meios de comunicação têm inspirado esse desejo nas pessoas ou se, de outra maneira, a morte em sua forma turística é uma característica crescente do mundo contemporâneo¹¹ (<http://www.dark-tourism.org.uk>).

As principais discussões desse grupo giram em torno do consumo do turismo sombrio e das razões que motivam os turistas a fazerem esse tipo de tour. A dúvida sobre por que as pessoas visitam tais locais sombrios é uma das que ganha mais destaque e faz surgir idéias controversas.

Será que as pessoas, dentro da sociedade contemporânea, visitam tais lugares por não terem respeito ou lembrança em relação ao que ocorreu neles? Ou será que as pessoas têm um prazer secreto em olhar o macabro? (...) Qual é o papel dos meios de comunicação e de outras influências sócio-culturais sobre o consumo do turismo sombrio? Estas perguntas e muitas outras, não foram ainda respondidas. (<http://www.dark-tourism.org.uk>)

Algumas experiências turísticas mesclam esses dois tipos de reality tours. Este é o caso dos *favelas tours* que já existem há cerca de 15 anos, mas até hoje ainda geram muita polêmica. Eles têm despertado o interesse de um número crescente de turistas que visitam o Rio de Janeiro. Atualmente só a Rocinha tem recebido aproximadamente 3000 visitantes por mês, levados por guias particulares e oito agências que disputam acirradamente o mercado local. Como destino turístico, a Rocinha já se encontra tão

¹¹ Tradução nossa.

consolidada que, para atenderem aos diferentes tipos de visitantes, as agências têm oferecido serviços cada vez mais diversificados¹². Segundo Freire-Medeiros (2007):

A favela que é elaborada e vendida como atração turística leva ao paroxismo as premissas dos tours de realidade: ao mesmo tempo em que permite engajamento altruísta e politicamente correto diante da paisagem social, motiva um sentimento de aventura e de deslumbramento diante da paisagem física. É a experiência do *autêntico*, do *exótico* e do *risco* em um único lugar.

Podemos dizer que o “Roteiro da Chacina” também mistura características do turismo sombrio e do turismo de conscientização, visto que é uma experiência associada à morte, à dor e ao sofrimento, mas ao mesmo tempo tem a pretensão de gerar uma consciência de que na Baixada não há espaço apenas para violência, assim como manter a memória da Chacina para evitar que outros episódios deste tipo aconteçam.

Apesar das pretensões deste tipo de projeto serem consideradas legítimas por muitos, elas vêm gerando muita polêmica. Um dos representantes da SEMCTUR que entrevistamos nos disse que pessoas costumam vir até a Prefeitura questionar o projeto. Este representante contou que, certa vez, uma senhora se aproximou dele perguntando: “o senhor prefeito sabe que vocês (funcionários da SEMCTUR) estão trabalhando neste tal de Roteiro da Chacina? Ele não deve saber disso, não é possível que ele saiba!”. Freire-Medeiros (2007) nos ajuda a pensar a respeito desta polêmica ao afirmar que:

A complexidade dos tours de realidade - quer sociais ou sombrios - deve-se, sobretudo, ao fato de seu objeto de consumo não ser algo óbvio e tangível. Articulam-se, nos reality tours, dois domínios - dinheiro e emoções -, cuja superposição a moralidade ocidental define como incongruente e agramatical. Não por acaso, provocam calorosos debates, em particular aquele em torno da pertinência ética de se fazer da miséria alheia mercadoria (Freire-Medeiros, 2007).

Embora combine características do turismo sombrio e do turismo de conscientização, o Roteiro da Chacina apresenta particularidades em relação ao turismo na favela. O seu produto turístico resulta da mercantilização de uma prática histórica na região, a do extermínio que envolve membros do aparato estatal, como apontou Alves (1999) em seu estudo sobre a história da violência na Baixada Fluminense. Como tornar a chacina, uma prática histórica na região, um fazer turístico? Como transformar a prática do extermínio em um dos nichos do mercado turístico da cidade? Trata-se de questionamentos fundamentais à proposta do Roteiro da Chacina, que dizem respeito às

¹² Cada turista paga cerca de US\$35 por um passeio que dura entre três e quatro horas e pode, por exemplo, escolher conhecer a localidade a pé, de van, de jipe ou de moto, de dia ou à noite, com refeição incluída ou não, ciceroniado por guias estrangeiros ou por moradores do local. Durante o passeio os visitantes, que são em sua grande maioria estrangeiros, podem inclusive adquirir produtos by Rocinha, como camisetas e quadrinhos, ou mesmo fazer doações para “projetos sociais” da favela.

relações de poder na região.

8. Considerações finais

O “Roteiro da Chacina” finalmente foi conhecido pela primeira vez no dia 29 de março de 2008. O horário escolhido também foi o mesmo previsto da tragédia de 2005, de 18:00 às 23:00h. Para compreendermos essa primeira experiência, entrevistamos alunos do curso de graduação em turismo da UFRRJ, que atuaram como voluntários no roteiro e um representante da SEMCTUR, que participou da idealização da proposta.

Segundo voluntários que participaram na condução dos grupos nas oito vans – alugadas pela prefeitura especialmente para a visita à Cerâmica – e na organização das atividades no local, além de um jantar gratuito com a presença do prefeito da cidade – tão divulgado nos CIT’s, Centros de Informações Turísticas, do FME – também houve apresentações artístico-culturais, exibição de um documentário sobre a comunidade da Cerâmica – elaborado pela Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu – e distribuição de rosas para os participantes, feita por artistas encapuzados.

Além da comunidade local e dos participantes do FME, estiveram presentes 8 representantes de outros países ligados ao Comitê Internacional do FME. De acordo com os informantes, essas pessoas se mostraram interessadas em conhecer o bairro e o modo de vida local. Acompanhados do prefeito, eles entraram em casas de parentes das vítimas da chacina, fotografaram e conversaram com eles a respeito da *barbárie*.

O número de participantes é incerto, pois os dados obtidos através de entrevista com os voluntários confrontam-se com os dados coletados em entrevista com o representante da SEMCTUR. Os voluntários afirmam que pouco mais de 50 pessoas participaram do evento, já a SEMCTUR diz ter recebido cerca de 400 pessoas.

A reação dos moradores em ambas as entrevistas foram classificadas como bastante *hospitaleira*. Segundo o representante da SEMCTUR, os moradores da Cerâmica foram envolvidos desde a concepção do projeto, da programação geral até o cardápio do jantar, através da associação de moradores local, sendo apoiadora do “Roteiro da Chacina”.

Sobre a avaliação da atividade programada, os voluntários consideraram-na positiva para os moradores, mas ficaram duvidosos em responder sobre a continuidade desse tipo de turismo. Já o representante da SEMCTUR respondeu com bastante ponderação que o mesmo serviu como uma experiência-piloto para as atuais reflexões e

para “elevar a auto-estima” dos moradores da localidade.

Perguntado sobre as perspectivas futuras desse polêmico projeto turístico, o representante da SEMCTUR foi enfático ao responder que tudo vai depender do resultado das discussões pós-fórum em torno do tema. Mas caso aconteça, deve ser algo a ser construído com mais planejamento e com a iniciativa dos próprios moradores. Sobre a demanda para este tipo de turismo, o mesmo afirmou que esta existe, e que por várias vezes a secretaria já foi contatada através de ligações para obter mais informações sobre o Roteiro da Chacina:

Este tipo de turismo está vindo igual como uma onda, igual a um tsunami e vai chegar aqui! Poderíamos dizer que vamos esperar e quando ele chegar nós resolvemos. Mas sabemos que não deve ser assim, que os turismólogos da cidade de Nova Iguaçu devem discutir desde já este assunto, visto que nossa função não é só resolver problemas, mas, sobretudo, lidar com um *planejamento* turístico para a cidade.

Os agentes idealizadores do projeto em questão evidenciaram que a proposta tem como objetivo principal promover a descoberta de outras identidades da Baixada, dissolvendo aquela vinculada à idéia de um território marcado pela pobreza e violência. Entretanto, o dilema da proposta é que nessa travessia pode-se reafirmar essa identidade deteriorada, já que o produto turístico é o da violência histórica contra populações de baixa renda e habitantes de áreas periféricas. Portanto, a polêmica do projeto está para além das possibilidades de se desvendar e recriar identidades locais.

Referências Bibliográficas

ALVES, José Cláudio Souza. **Dos barões ao extermínio**: uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, RJ: APPH/CLIO, 2003. 197p.

BAIXADA EM DESTAQUE. **Exposição Vila de Iguassú**. Desenvolvida por Delfim Moreira Comunicação e Marketing. Disponível em: <http://www.baixadaemdestaque.com/atual/index_vila_iguassu.htm>. Acesso em: 05 abril 2008.

BARRETO, Alessandra. Um olhar sobre a baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores. **Campos**, Curitiba, v.5, n.2, p.45-64, 2004.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, p. 15-30, 2003.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de Muros**: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34 Edusp, 2003.

CONHEÇA NOVA IGUAÇU: Guia da cidade - história, turismo, entretenimento e serviços. **Na estrada do progresso**. Nova Iguaçu: EMBRAPLEX, n.1, mar. 2006.33p. il.(Roteiros turísticos).

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 65, 2007.

LENNON, J; FOLEY, M. **Dark tourism**: the attraction of death and disaste. London: Continuum, 2000.

POON, A. Competitive strategies for a 'new tourism'. In: COOPER, C.P. **Progress in Tourism, Recreation and Hospitality Management**, p. 91-102. London: Belhaven Press: 1989

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. **Audiência pública define diretrizes de projeto da ONU em Nova Iguaçu**. Desenvolvido por Tecnopop. Disponível em: <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/ver_noticia.php?codNoticia=605>. Acesso em: 14 abril 2008.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Segregação, desigualdade e habitação: a metrópole do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001. Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2001. v.2, p. 944-958.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1933-90): economia e território em processo**. 2005. 122f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. **Relatório de Avaliação Ambiental**. Desenvolvido por WALM Engenharia e Tecnologia Ambiental. Disponível em: < <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=934935>> Acesso em: 19 abril 2008.

URRY, John. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Nobel, 1990.